

NARRATIVAS DE ESTUPRO: QUE PAPÉIS AS MULHERES EXERCEM NESSAS HISTÓRIAS?

Camila Fernandes da Costa (UFRN)¹

Resumo: O foco desta pesquisa é analisar as construções do patriarcalismo nas obras, *Capitães da Areia* (1937) e *Terra Sonâmbula* (1992), desenvolvendo uma relação entre a crítica feminista e os textos literários, atentando para a descrição do estupro. Dessa forma, busca-se analisar como as personagens abusadas são representadas por esses dois escritores diante de uma mesma situação – o abuso sexual - visto que, muitas vezes, quando se trata desse crime insere-se a culpa na vítima. Ao analisar as obras, percebe-se que elas possuem descrições da violência sexual com enfoques distintos, as quais remetem às questões sociais e aos valores incutidos pois uma objetifica o agredido, a outra critica a postura do agressor.

Palavras-chave: Terra Sonâmbula; Capitães da Areia; Violência sexual

Introdução

A opressão e violência contra a mulher é um reflexo direto da ideologia patriarcal, que assinala os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres. Como subproduto do patriarcalismo, a cultura do machismo, propagada de forma implícita ou explícita, coloca a mulher em um lugar secundário em relação ao ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação, o que termina legitimando e alimentando diversos tipos de violência, entre as quais o estupro.

Essa dominância de homens e subordinação de mulheres, é o que Kate Millet chama de “política sexual”, (1970 apud ZOLIN, 2009, p. 226), e se faz presente, tanto cotidianamente, quanto na ficção. A autora ainda comenta que nas narrativas produzidas por homens, as convenções dão forma às aventuras e moldam as conquistas românticas que são construídas como se leitores fossem sempre homens, ou de modo a guiar a leitora para que leia como homem. A autora retira exemplos da ficção canônica que enfatizam a exploração e repressão feminina, ou seja, que reforçam o patriarcalismo.

Pensando nesse conjunto de crenças que apoiam a violência contra a mulher e principalmente no que refere às agressões sexuais masculinas, o estudo pretende analisar as obras, *Capitães da Areia* (1937) e *Terra Sonâmbula* (1992) de Jorge Amado e Mia Couto respectivamente, atentando para os relatos de abuso sexual contra as personagens

¹ Graduada em Letras (UFRN), Especialista em Literatura Afro-brasileira (UFRN), Especialista em Literatura e Ensino (IFRN), Mestranda em Literatura Comparada (UFRN). Contato: fernandes.camila23@yahoo.com.br.

femininas. A partir dessa pesquisa, poderá se ampliar o debate em relação à historiografia subalterna da mulher, e se há nas obras algum referencial que vise desconstruir ou, ao menos, criticar essa visão.

Esse artigo objetiva-se analisar as relações entre a cultura que naturaliza o estupro na sociedade e a construção dessa realidade na ficção; realizar um estudo comparativo entre as literaturas, atentando para a descrição do estupro; observar como as cenas de violência são construídas dentro das narrativas.

O estudo comparativo entre as narrativas irá atentar para problematizações entre as diferentes obras e suas relações visando ao estudo das poéticas que as compõem, suas hibridizações, a multiplicidade de suas expressões.

Esse viés comparativo também fará emergir dos textos as questões que envolvem a construção do feminino dentro da realidade de abuso sexual; além de discutir sobre a violência sexual, atentar para valores sociais que propagam um silenciamento das vítimas e perpetuam essa prática. Analisando o espaço que foi relegado à mulher nas obras. Procura responder as seguintes indagações: que tipos de papéis as personagens femininas representam quando se trata da representação do estupro? Quais são as pressuposições implícitas contidas nesses textos em análise?

Ao analisar as obras, percebe-se que elas possuem descrições do abuso sexual com enfoques distintos, que remetem às questões sociais e valores incutidos. Uma dá voz ao agressor, a outra ao agredido. Há diferentes usos de escolhas lexicais para descrever as situações. Diante disso, é essencial analisar essas diferentes vozes que delineiam as passagens que narram o estupro para apontar os valores presentes nelas e indicar os seus efeitos de sentido em relação ao seu leitor.

Assim, tendo consciência da riqueza do material a ser utilizado para traçar um percurso das correspondências entre sexo e poder, os relatos de abuso sexual das personagens femininas nas narrativas: *Capitães da Areia* (1937) de Jorge Amado e *Terra Sonâmbula* (1992) de Mia Couto foram investigados, buscando verificar as operações estéticas e discursivas a partir das quais se definem a marginalidade da mulher ou a transformação da condição de subjugada. Para tanto, selecionamos como marco teórico básico norteador para analisar as questões de violência sexual temos: Davis (2016), Gomes (2016) e Solnit (2017).

A violência sexual

De acordo com a leitura de Angela Davis (2016), o estupro é um problema epidêmico, no qual poucas mulheres não foram vítimas de tentativas ou abusos consumados. Relacionando isso com as palavras de Câmara Cascudo que abrem esse artigo, fica claro que esse é um assunto também bastante abordado na ficção, havendo assim uma relação entre arte e vida e essa ficcionalização da vida propaga pensamentos que pregam que o homem possui um comportamento animalesco e que a mulher deve suprir seus instintos. Porém, como afirma o autor, esse sexo não consentido não ilustra comportamentos dos animais, pois até os gorilas – animal que representa força e virilidade - esperam um consentimento da fêmea. Deixando claro que esse ato (o estupro), não vem de pulsões biológicas, mas sim de aspectos sociais e culturais.

Segundo a autora, foi o racismo que encorajou a prática da coerção sexual– essa animalidade masculina -visto que homens brancos estavam convencidos de que podiam cometer ataques sexuais contra mulheres negras – devido a escravidão houve essa institucionalização do estupro – e essa atitude serviu de estímulo a praticar o estupro a mulheres brancas. Sendo assim, fica claro que o racismo alimenta o sexismo. Como vemos em:

O racismo sempre encontrou forças em sua habilidade de encorajar a coerção sexual. Embora as mulheres negras e suas irmãs de minorias étnicas tenham sido os alvos principais desses ataques de inspiração racista, as mulheres brancas também sofreram. Uma vez que os homens brancos estavam convencidos de que podiam cometer ataques sexuais contra as mulheres negras impunemente, sua conduta em relação às mulheres de sua própria raça não podia permanecer ileso. (DAVIS, 2016, p. 181)

Em relação às narrativas em análise– *Capitães da Areia* (1937) e *Terra Sonâmbula* (1992) – as personagens estupradas são negras, o que insere a ideia de relação social imposta pela escravidão (relação senhor-escrava). Em *Terra Sonâmbula*, o estuprador é um português, reforçando o valor propriedade sobre a terra e sobre a pessoa negra. O próprio sujeito da narração afirma: “Memórias antigas da raça lhe avisaram: melhor seria ela se deixar, sem menção nem intenção.” (COUTO, 1992, p. 78), isto é, o português tem “licença para estuprar” (DAVIS, 2016, p. 180), “marca grotesca da escravidão” (DAVIS, 2016, p. 180) e da colonização.

Além da ideia das marcas de poder do homem branco sobre o corpo da mulher (sobretudo negra), valor originário da escravidão, discutido por Angela Davis (2016), ela também salienta que foi propagada a ideia de que a mulher negra é promíscua, sendo certo que aceite as atenções sexuais dos brancos, visto que ela provoca tais atitudes.

Essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam a mulher negra como promíscuas e imorais. Até mesmo a extraordinária escritora Gertrude Stein descreveu uma de suas personagens negras como possuidora de “simples e promíscua imoralidade do povo negro”. (DAVIS, 2016, p. 181)

Relacionando a arte a vida, isto é, a ideia de promiscuidade feminina como provocadora de assédio e agressão sexual, em julgamentos de crimes sexuais, muitas vezes, para livrar o agressor das queixas, tenta-se construir um imaginário de mulher promíscua, prostituída, ou seja, desvalorização da mulher. Para incriminar seu agressor, em crimes sexuais, a própria vítima precisa provar ser uma mulher honesta. Questiona-se à vítima a veracidade dos fatos como se algo no comportamento dela (sexual ou moral) pudesse despertar pulsões no réu.

Esse estereótipo que fez contribuir com o avanço de uma ideologia que prega a objetificação da mulher e o racismo apontado por Angela Davis (2016), como também afirma, os literatos também retratam a mulher negra como promíscua e imoral.

Na obra *Capitães da Areia* (1937), por exemplo, pode-se notar isso em algumas passagens que antecedem o estupro, quando Pedro Bala persegue a vítima, ele se vê enfeitiçado pelo seu corpo e seu jeito de caminhar “porque os negros mesmo quando estão andando naturalmente é como se dançassem”. (AMADO, 1937, p. 87); em outra passagem, no momento em que o protagonista se vê tomado pelo desejo de possuir a vítima, ele afirma: “Pensava em derrubar a negrinha sobre a areia macia, em acariciar seus seios duros [...] em possuir seu corpo quente de negra.” (AMADO, 1937, p. 87). Observando os excertos, fica claro que o fato da vítima ser negra faz com ela possua traços que impulsionam o abuso sexual - anda como se dançasse, possui corpo quente. São características que inserem um ar de facilidade e promiscuidade da “negrinha” (AMADO, 1937, p. 87), isto é, ela podia ser de qualquer um, porque incita atos libidinosos na sua descrição. Já Farida, personagem abusada em *Terra Sonâmbula* (1992), não carrega traços que despertam pulsões sexuais. Pelo contrário, não há descrições da

personagem no momento do abuso, o leitor não sabe como ela se vestia ou se portava, só é notório que ela luta contra aquele ato, a tristeza e aflição da menina desperta mais prazer no agressor e que, além disso, no dia seguinte ao ocorrido, a personagem sente-se culpada.

Pensando no sentir-se culpada, existe uma estrutura que insere a mulher sempre uma posição de culpada, segundo Hélène Cixous; “culpada de tudo, todas as vezes: de ter desejos, de não ter; de ser frígida, de ser ‘quente’ demais; de não ser os dois ao mesmo tempo; de ser demasiadamente mãe ou não o suficiente; de ter filhos e de não ter; de amamentar e de não amamentar...” (1975 apud BRANDÃO et al, 2017, p.136). Isto é, nas situações de abuso – seja na arte, seja na vida – as mulheres também serão responsabilizadas, uma vez que são questionadas por uma série de razões. Existe uma múltipla culpa e cobrança em exercer determinados papéis, como o de ser mãe, por exemplo.

Em relação a maternidade, a mulher é sempre categorizada como uma força reprodutora, isso insere todas as mulheres em um grupo homogêneo, sem distinção, essa categorização é criticada por Hélène Cixous (2017) pois, para ela, não se pode trabalhar de maneira uniforme dentro do vasto universo feminino. Da mesma maneira que categorizam as mulheres como sendo culpadas pelos abusos sofridos, sendo justificado que elas – as vítimas - provocam os abusos sexuais.

Ainda em relação ao se sentir culpada, “O poder age produzindo em nós melancolia, fazendo-nos ocupar uma posição necessariamente melancólica” (BUTLER, 2015, p.190). E este comportamento é comum em atos de abuso, a vítima sentir-se culpada, pensando que estava no lugar errado, com o traje inadequado, isso se dá porque a sociedade prega tipos rígidos de comportamentos. Como afirma Butler:

Neste contexto, a crítica social se transforma em uma tentativa de compreender como certos afetos são produzidos afim de conformar sujeitos a tipos fixos de comportamentos, a aceitarem certas impossibilidades de ação como necessárias, a assumirem certos medos através de sistemas de repetições. (BUTLER, 2015, p. 189-190)

Esta é sua verdadeira violência, mais do que os mecanismos clássicos de coerção, pois violência de uma regulação social que internaliza uma clivagem, mas clivagem cuja a única função é levar o eu a acusar a si mesmo em sua própria vulnerabilidade. Desta forma, a melancolia aparece como uma das múltiplas formas, mas a mais paralisante, de

aceitar ser habitado por um discurso que, ao mesmo tempo, não é meu mas me constitui. (BUTLER, 2015, p. 190)

Relacionando às discussões de poder e melancolia discutidos por Butler e expostos anteriormente, é notório que a melancolia se faz presente em Farida, personagem feminina abusada sexualmente em *Terra Sonâmbula* (1992), ela se volta contra si, por meio de autorrecriações e acusações, ficando evidente que nas narrativas em análise a vítima é penalizada, quando se trata do crime de estupro. Dessa forma, se faz necessário repensar essa história única que culpabiliza as vítimas quando se trata de crimes sexuais seja na sociedade, seja nas narrativas.

Atentando para as discussões de Rebecca Solnit (2017), o estupro é a recusa da vulnerabilidade, é o sentimento de estar em seu direito, a fúria para controlar, para impor ordens. O corpo masculino uma arma e o corpo feminino um inimigo. Já, o fazer amor requer uma constante negociação, é aceitar o “não”. Como afirma a autora:

O amor é uma negociação constante, uma conversa constante; amar alguém é se abrir à rejeição e ao abandono; o amor é algo que se pode conquistar, mas não extorquir. É uma arena que não se controla, porque a outra pessoa também tem direitos e toma decisões; é um processo colaborativo; fazer amor é, em sua melhor forma, um processo em que as negociações se transformam em alegria e diversão. Grande parte da violência sexual é uma recusa dessa vulnerabilidade; muitas das normas sobre a masculinidade inculcam uma falta de habilidade e de disposição de negociar de boa-fé. A inabilidade e o sentimento de estar em seu direito se deterioram e viram uma fúria em controlar, de transformar conversa em monólogo que dita ordens, de transformar o ato de fazer amor numa imposição agressiva e numa demonstração de controle. (SOLNIT, 2017, p. 43)

Em *Capitães da Areia* (1937), fica evidente a ausência em se entender a negativa do Outro², de se abrir a rejeição. Antes do estupro, o protagonista recusa o não da personagem “-Deixa eu ir embora, desgraçado. Tu quer fazer minha desgraça, filho da mãe? Deixa eu ir embora, que não tenho nada com tu.” (AMADO, 1937, p. 87), essa é uma das diversas passagens em que a “negrinha” diz não querer nenhum tipo de contato com o agressor, ficando evidente que não ocorre uma negociação, uma aceitação do abandono, mas sim a ideia de que o protagonista está no seu direito de usufruir daquele corpo de mulher negra que cruzou o seu caminho no areal. Apesar de existir um diálogo,

²Esse Outro entendido como o tu, sujeito da interpelação trabalhado por Butler (2017), o Outro que me constitui, presente no meu inconsciente.

a voz do Outro não é ouvida, as negativas da personagem feminina não têm valor. A personagem está audível e visível diante de seu agressor, contudo é silenciada, o seu querer não é atendido. Sobre isso Solnit afirma:

A terceira espécie de silêncio “ocorre quando a pessoa fala, enuncia palavras e não consegue [...] realizar a ação que pretende.” Essa ação é o proibir, o dizer não. “É de fato possível silenciar alguém [...] tornando seus atos de fala indizíveis [...] Considere-se o enunciado ‘não’. Todos nós sabemos como fazer coisas com essa palavra. No entanto, em contextos sexuais acontece algo estranho. Às vezes, uma mulher tenta usar o ‘não’ para recusar relações sexuais, e não funciona. A recusa – em tal contexto – se tornou indizível para ela. (SOLNIT, 2017, p. 43)

Em relação à citação exposta, Rebecca enumera três tipos de silêncio: o da intimidação e da derrota, ou seja, não há o que se dizer, não existem argumentos ou não há coragem para se debater, portanto se silencia. O segundo se dá porque o falante não tem ouvinte, isto é, se não há resposta, existe um esgotamento de forças. E o terceiro, exposto no excerto, é o silêncio pela não aceitação de determinados signos, como o “não quero” em situações que envolvem o sexo. Na narrativa de Jorge Amado (1937), se esboça esse tipo de atitude, a vontade da “negrinha” se torna indizível mesmo sendo pronunciada por várias vezes.

Não há diálogo ou tentativa de escolha, o “não” da mulher não é audível, por isso faz-se necessário atentar para as projeções dessa realidade de abuso sexual de maneira crítica, chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome. Na narrativa acima discutida, não há um consenso, a “negrinha” não é convencida a fazer sexo, o que existe é o retrato de um abuso sexual, no qual a voz da mulher não é ouvida, o “não” não funciona. Existe a necessidade de olhar com uma perspectiva crítica para a representação do abuso sexual.

Há em uma passagem da narrativa supracitada que o sujeito da enunciação diz que “ela consentiu” (AMADO, 1937, p. 90) em fazer o sexo anal, todavia é notório que existe uma política de boa educação, na qual as mulheres são ensinadas a servir. O bem-estar do Outro é mais importante, “A boa educação, a insegurança, o silenciamento interno podem converter as mulheres mais novas em alvos mais fáceis.” (SOLNIT, 2017, p. 55), ou seja, ela não “consentiu”, visto que o significado desta palavra é concordou, ela foi obrigada a aceitar aquela situação para se manter virgem, para não incomodar, estar errada ou perturbar o Outro. Como vemos na fala de Virgínia Woolf: “Ela apresenta as instruções interiorizadas pelas mulheres para serem agradáveis, graciosas, elogiosas, que podem

silenciar a voz real e os pensamentos reais: o eu real. [...] Você fala pelos outros não por si.” (1929 apud SOLNIT, 2017, p. 69)

Já atentando para dados quantitativos, segundo Rebecca Solnit (2017), o estupro atinge 20% das mulheres, contrastando com 1,4% dos homens, nos Estados Unidos, somente 3% dos estupradores cumpriram por seus crimes. Nos tribunais, as vítimas são desvalorizadas, há a vergonha para elas e não para o agressor, sendo ridicularizadas, ameaçadas, desacreditadas, e isso induz ao silenciamento, e as autoridades, muitas vezes, se preocupam com o futuro do agressor e não da vítima. Práticas essas que reforçam a impunidade, no silenciamento das mulheres que são abusadas, segundo o Ministério da Justiça americano 95% das estudantes que são abusadas em universidade mantêm silêncio e esse silêncio protege a violência.

O estupro, segundo Gina Gomes (2016) no artigo *Estupro: a violência da prática não consensual do sexo*, no Brasil até 1995, era considerado um crime contra os costumes, ou seja, preocupava-se somente com o patriarca (pai ou marido) da vítima, porque ele não poderia passar por essa humilhação, logo a maior preocupação, nesses casos, era rapidamente arranjar um marido para ela, e, em alguns dos casos a mulher estuprada casava com o próprio agressor, isto é, os valores de 1995, são equivalentes ao do século XVI, no qual o roubo da castidade e da virtude era uma desonra para a família. O estupro tornava a mulher impura, indigna, pecadora, o que se levava em conta, principalmente, nos julgamentos destes crimes era a virgindade e a condição social da vítima.

De acordo com Gomes (2016), nesse tipo de crime, muitas vezes, a mulher era tratada como culpada pois alegava-se que ela havia consentido, logo, para ser considerada inocente, a vítima tinha que provar que resistiu ao abuso sexual. Nos julgamentos, tudo era levado em conta, desde a roupa ao lugar que a vítima estava inserida no momento do abuso, desta maneira, o ser estuprado, muitas vezes, prefere o silêncio.

Ainda segundo a autora, somente em 2009, esse crime contra costumes, foi tratado como crime contra a dignidade sexual. Entretanto, apesar de algumas mudanças, ainda existe uma contínua situação de vulnerabilidade, e uma cultura que aceita comportamentos violentos por parte dos homens. E, apesar de estarmos no século XXI, ainda se pensa muito no lugar e nas vestes da vítima, antes de pensar na violência em si.

Analisando as narrativas, após o abuso sexual, é notório que em *Terra Sonâmbula* (1992), Farida se vê triste, desolada, enfurecida, um conjunto de sensações ruins, de pesar.

Após a turbulência de emoções, ela afirma ser a única culpada, deveria voltar para o seu lugar de origem, ou seja, ela estava no lugar errado e era a única culpada. Já a “negrinha”, em *Capitães da Areia* (1937), fica enfurecida após o ato, roga pragas para o agressor, porém “sua voz solitária” (AMADO, 1937, p. 92) não é ouvida, abala o agressor, mas desaparece ao virar a esquina. Seja na ficção, seja na realidade parece que o sofrimento feminino não tem importância, “[...] há as que gritam em vão” (SOLNIT, 2017, p. 55), há as que praguejam como a “negrinha” em *Capitães da Areia* “- Peste, fome e guerra te acompanha, desgraçado. Filho de uma mãe, desgraçado, desgraçado.” (AMADO, 1937, p. 93), mesmo assim não são ouvidas, seus direitos não têm importância.

Ainda discutindo acerca do estupro, é evidente que a vítima fica com marcas – sejam físicas, sejam psicológicas - durante o ato do abuso sexual, pois é algo forçado, sem consentimento, doloroso. Mas, é um fato que se considera erótico as mulheres sentirem dor durante o sexo, a indústria pornográfica propaga esse valor, e essa cultura perpetua e aceita atos de relacionar-se sexualmente sem consentimento. Sobre isso, Solnit afirma:

[...] a pornografia porta autoridade também como instrução, não só como entretenimento. Ela cita provas de que a grande porcentagem de meninos e rapazes considera a satisfação do homem como um direito, e os direitos das mulheres como um detalhe que não vem ao caso, além das estatísticas sobre namorados e homens que consideram erótico as mulheres sentirem dor, e relaciona essas coisas com a cultura pornográfica. (SOLNIT, 2017, p. 78)

Em relação ao excerto acima, Zolin (2009) também traz à tona discussões do feminismo radical que alega que violações, pornografia, prostituição e heterossexualidade são impostas às mulheres pelos homens como forma de perpetuar valores patriarcais.

Em *Terra Sonâmbula* (1992), é evidente que a excitação de Romão se impulsiona quando ele toca o rosto de Farida e sente “o molhado das caladas lágrimas” (COUTO, 1992, p. 78). A tristeza, a dor, o sofrimento da personagem abusada sexualmente “ainda mais lhe afiou os apetites.” (COUTO, 1992, p. 78). Comprovando a ideia de que existe uma excitação ao se deparar com a dor do ser feminino no momento do ato sexual, é a arte como espelho da sociedade, denunciando os valores que fazem com que o estupro se torne aceitável, já que a dor dá ênfase ao prazer masculino.

Essa cultura que propaga, segundo Solnit, a dor como algo permitido no sexo, mostra como os homens tiram proveito da cultura do estupro pois utilizam da dor que se

causa às mulheres, se aproveitam da forma como as mulheres são eliminadas dos espaços públicos e estes últimos se abrem para eles, se beneficiam de como as mulheres são desumanizadas para que a própria humanidade dos homens se torne cada vez mais forte, além de abusar do poder que essa cultura dá aos homens de agir como agressores ou como seres que são sempre beneficiados.

Todos esses valores que silenciam as mulheres e inocentam homens quando se trata de abuso sexual, reforça a cultura do estupro. Mas o que é cultura do estupro que tanto se tem falado atualmente? Segundo Rebecca Solnit, a cultura do estupro se define com uma palavra: ódio. É uma noção animalesca do homem como predador, que inculta ideia virilidade e masculinidade, sobrepondo os direitos masculinos sobre os femininos, um problema que afeta a todos. Uma sociedade em que os meninos são educados para acreditar que tem direito de esperar determinados comportamentos das mulheres, bem como usar de abuso físico e verbal, caso elas não cumpram suas obrigações.

E o que é estupro? “O estupro é, entre outras coisas, um rito de afirmação dessas categorias de quem tem e quem não tem direitos, e muitas vezes é um ato de hostilidade contra um gênero.” (SOLNIT, 2017, p. 154).

Após fazer essa explanação, e entender o que é o estupro e a cultura que o perpetua, é necessário averiguar como essa cultura e esse ato ilícito, vêm sendo representados nas narrativas, visto que os livros criam uma atmosfera de empatia, inserem a ideia de representação, exercem influência sobre a vida, podem infligir um dano ou fazer o bem, uma vez que podem representar o que somos ou difamar e degradar um determinado ser ou grupo. Trata-se da representação do mundo, modificando-o ou perpetuando práticas.

Considerações finais

Tendo como exemplo as narrativas, fica claro a sua relação com crítica feminista, uma vez que está última insere uma necessidade de despertar o senso crítico, ler com o objetivo de desconstruir o caráter discriminatório das ideologias, além de empreender uma desconstrução de categorias, afirmando a indeterminação e instabilidade de todas as identidades sexuadas e genéricas. Isso parece apontar a conclusão de que o gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos, um fazer em vez de ser, que na literatura se faz por meio do sujeito da enunciação.

Sendo assim, é notório que existem forças na sociedade que inviabilizam uma constituição de nós mesmos, inserindo a definição de “inumano” trabalhada por Butler, como a situação na qual o ser humano toma lucidez que é um desconhecedor de si, pois o mundo social insere valores que extinguem a sua subjetividade. Desta forma, há a necessidade de desconstruir os valores que perpetuam a “mulher-objeto” nas narrativas, reformando o modo de ler o texto literário, atentando para a perpetuação de valores patriarcais.

A mulher vista pela ótica do sujeito da enunciação em *Capitães da Areia* (1937) é vista como um corpo, uma presa, um ser que desperta pulsões viris e animais. O agressor é visto como um caçador, animal viril que procura a sua presa por um impulso ferino. Sendo animal, há a necessidade obrigatória de suprir seus desejos -anseio masculino que se impõe sobre o feminino.

Já o representar da mulher pela perspectiva do sujeito da enunciação em Mia Couto não busca perpetuar esses valores ancestrais, mas sim fazer com que o sujeito conheça a si mesmo através do reconhecimento. Busca ilustrar a irracionalidade, a objetificação do homem, sendo visto como um ser digno de repúdio diante de sua libido acentuada. É fato que há uma personagem que é refém de uma dupla exploração, todavia desafia-se as convenções - uma vez que a personagem reluta e recorre aos céus - para rompê-la ou modificá-la e esse é o objetivo do autor em análise, por meio do dizer e do querer dizer, ele desafia as normas preestabelecidas.

Este trabalho teve o objetivo de contribuir com as discussões sobre como a mulher, em situações de violência, é construída nas narrativas escritas por autores masculinos. Com base em Judith Butler, e autores que discutem acerca da crítica feminista e representação feminina na literatura, foi possível perceber o posicionamento dos autores acerca da representação feminina nos textos literários.

Por fim, é notório que ambas as narrativas relatam, em diferentes projeções, uma mesma realidade de violência. Essas situações evidenciam a submissão dessas mulheres ao discurso patriarcal e/ou a objetificação do homem inscrito como agressivo e portador de uma libido terrivelmente exacerbada. Ou seja, pode-se perceber que existem diferentes valores que julgam o que pode ser um ato condenável, pois segundo Butler “a condenação costuma ser um ato que não só “abandona” o condenado, mas também busca infligir nele uma violência em nome da ética.” Nas narrativas – e na vida? - não existe condenação

para esse delito. Isto é, apesar das narrativas subjugarem a personagem feminina que sofre abuso de maneiras distintas, sendo caracterizada ou não como sujeito do reconhecimento e o agressor também ser descrito de diferentes formas ao leitor, ora digno de piedade, ora ameaçador; ambas as histórias não condenam o abuso, quer dizer, os agressores não são punidos.

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Cia das Letras, São Paulo, 2008

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte, Autêntica, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. Namoro de pombos. In: CASCUDO, Luís da Câmara. (Org.). **Canto de Muro**. São Paulo: Editora Global, 2006. p. 214 – 216.

CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa. In: BRANDÃO, Isabel et al.(Org.). **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas**. Trad. Ana Cecília Acioli Lima. Florianópolis: EDUFAL, 2017. p.129 – 155.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

ESTUPRO: a violência da prática não consensual do sexo. **Revista Scientia**, v. 1,n.1, p. 64-75, maio/agosto 2016.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ZOLIN, Lúcia Osana. A crítica Feminista. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Abordagens históricas e tendências Contemporâneas**. Editora: Uem, 2009. p.217 – 242.